

cotidiano
todasFOLHA DE S. PAULO
SEXTA-FEIRA, 8 DE MARÇO DE 2024 81

Brasil registra mais de 10 mil casos de feminicídio em 9 anos

Levantamento analisou dados a partir de 2015, quando a lei entrou em vigor

Em 2023, o Brasil registrou mais de 10 mil casos de feminicídio, um aumento de 15% em relação a 2022, segundo o levantamento divulgado nesta quinta-feira (7) pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O levantamento analisou dados a partir de 2015, quando a Lei 13.104/2015 entrou em vigor.

Esses números, segundo a entidade, seriam maiores se não fosse a subnotificação de casos nos primeiros anos de vigência da legislação.

A lei do feminicídio, sancionada em março de 2015, qualifica o crime quando ele é cometido contra a mulher por razões da condição de sexo feminino, quando envolve violência doméstica e familiar ou menesprezo ou discriminação à condição de mulher.

Os dados utilizados no levantamento têm como fontes os boletins de ocorrência registrados pelas Polícias Civis dos estados e do Distrito Federal.

Segundo o Fórum, no ano de 2023 o total de 1.463 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, maior número já registrado desde a tipificação da lei. Isso representa uma taxa de 1,4 mulher morta por cada grupo de 100 mil habitantes. No ano anterior, tinham sido 1.246 casos, com a mesma taxa de 1,4 mortes para cada 100 mil habitantes.

Analisando o levantamento por região, o Centro-Oeste se destaca por apresentar

a taxa mais elevada de feminicídios nos dois últimos anos, chegando a 2 mortes por 100 mil habitantes, 45% superior à média nacional. A segunda região mais violenta para as mulheres foi o Norte, com taxa de 1,6, seguida do Sul, com 1,5. As regiões Sudeste e Nordeste registraram taxas de 1,2 e 1,4, por 100 mil.

O Sudeste, porém, apre-

sentou o maior crescimento no ano passado, com variação de 5,5%, passando de 310 vítimas em 2022 para 338 em 2023. A única região que apresentou redução na taxa foi a Sul, com queda de 1,5% (de 1,6 para 1,5).

Quando se verifica os dados por unidade federativa, 12 delas apresentaram taxa de feminicídio acima da média nacional. O estado com a maior taxa no ano passado foi Mato Grosso, com 2,5 mulheres mortas por 100 mil habitantes. Apesar disso, o estado teve redução de 1,5% na taxa de vitimização por feminicídio.

Empatados em segundo lugar, os estados mais violentos para mulheres foram Acre, Rondônia e Tocantins, com taxa de 2,4 mortes por 100 mil.

Enquanto Acre e Tocantins tiveram crescimento de, respectivamente, 11,4% e 25,6%, Rondônia conseguiu reduzir em 30,8% a taxa.

Na terceira posição apareceu o Distrito Federal, cuja taxa foi de 2,3 por 100 mil mulheres, variação de 75,9% entre 2022 e 2023, passando de 19 vítimas em 2022 para 34 em 2023.

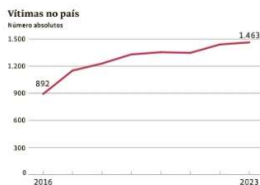
Apesar do resultado positivo no Ceará, o Fórum faz uma ressalva: desde a tipificação da lei, a Polícia Civil cearense tem registrado um número muito baixo de feminicídios quando

comparado ao total de mulheres assassinadas, sinal de que há subnotificação.

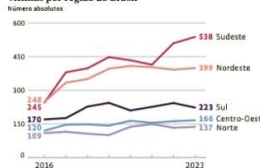
Em 2022, por exemplo, de um total de 264 mulheres assassinadas, apenas 28 casos receberam a tipificação de feminicídio, 10,6% do total.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública em relação, em referência à subnotificação de casos registrados de feminicídio

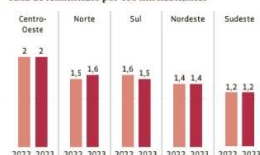
Feminicídio no Brasil



Vítimas por região do Brasil



Taxa de feminicídio por 100 mil habitantes*



* A taxa de feminicídio por 100 mil habitantes no país permaneceu igual (1,4) nos dois anos.
Fonte: Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social; Instituto de Segurança Pública (ISP); Ceará 2022 - BGE; Fórum Brasileiro de Segurança Pública

1 a cada 2 mulheres assassinadas foi vítima de arma

Isabella Menon

são Paulo. Uma a cada duas mulheres que foram assassinadas no Brasil em 2022 foi vítima de arma de fogo. O crime, em geral, tem como autor uma pessoa próxima da vítima — 88% são parceiros íntimos, 9% amigos ou conhecidos e 6% familiares.

Os dados são do terceiro relatório do Instituto Sou da Paz sobre o papel da arma de fogo na violência de gênero no Brasil. Segundo o estudo, 65% das mortes são de mulheres entre 20 e 39 anos. Além disso, sete de cada dez mulheres assassinadas no país são negras (a soma de negras e pardas).

O levantamento usa os dados consolidados do SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade) e do Sinan (Sistema Nacional de Vigilância de Agravos de Notificação), de 2019 a 2022, ano mais recente disponibilizado pelo Ministério da Saúde. Enquanto o primeiro registra mortes violentas, o segundo computa casos de agressão e outros tipos de violência que chegam à rede de atendimento em saúde.

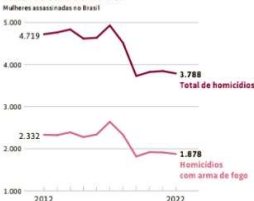
Em 2022, a maioria dos casos de violência que envolvem armas de fogo estavam relacionadas a agressões físicas (52%), seguida de psicológica (22%) e, por fim, sexual (15%).

Em média, as armas provocaram a morte de 2.450 mulheres a cada ano no Brasil no período analisado — o equivalente a 6 mortes por dia.

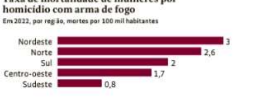
O pico de homicídios aconteceu em 2017, quando 4.928 mulheres foram assassinadas. O ano foi marcado pelas guerras de facções por rotas de tráfico de drogas no Norte e Nordeste.

Desde então, os homicídios de mulheres têm caído ano a ano. Em 2022, por exemplo, chegou a 3.844 vítimas e,

Violência contra a mulher



Taxa de mortalidade de mulheres por homicídio com arma de fogo



Fonte: Instituto Sou da Paz. "O papel da arma de fogo na violência contra a mulher - 2024"

O relatório mostra um problema estrutural, com estatísticas que se mantêm ao longo do tempo, com percentual alto de morte de mulheres por arma de fogo

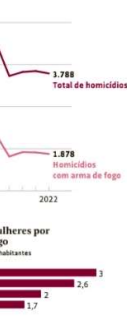
Cristina Neme, socióloga e coordenadora de pesquisa no Instituto Sou da Paz

Em 2022, 3.788 mulheres foram assassinadas no Brasil, um aumento em relação aos 3.304 casos do ano anterior.

A taxa de mulheres mortas dentro de casa vítimas de armas de fogo também tem crescido nos últimos anos. Em 2022, representava 39% dos casos, em 2016 subiu para 22%, e no ano passado, representava 45% dos casos de homicídios por arma de fogo.

Em comparação com o local do crime, mulheres negras são mais vulneráveis à violência armada fora de casa — 45% dos assassinatos ocorreram em vias públicas pa-

Distribuição dos homicídios por arma de fogo na população feminina



ra esta parcela contra 24% dentro de casa. Entre as mulheres não negras, o risco de morte por agressão com arma dentro e fora de casa se aproxima — 23% em via pública e 34% dentro de casa.

As regiões Nordeste e Norte registram as maiores taxas de homicídios femininos por arma de fogo, com taxas de mortes de 3 e 2,6 a cada 100 mil habitantes, respectivamente.

—Ceará (4,3), Rondônia (3,9) e Bahia (3,6) são os estados com as maiores taxas de homicídios por arma de fogo.

O Sudeste tem a taxa mais baixa, de 1,7, seguida pelo Centro-Oeste (1,7) e Sul (2).

O relatório mostra um problema estrutural, com estatísticas que se mantêm ao lon-

go do tempo, com percentual alto de morte de mulheres por arma de fogo. O acesso a arma coloca em risco de morte as mulheres que estão em situação de vulnerabilidade", diz a socióloga Cristina Neme, coordenadora de projetos no Instituto Sou da Paz.

Marina Ganzoroli, presidente e fundadora do Me Too Brasil, afirma que a pesquisa demonstra como o lugar mais perigoso para a mulher e menina brasileira segue sendo o domicílio.

"A grande maioria dos agressores é do círculo social afetivo da vítima, ou seja, é alguém que, na verdade, deveria cuidar dela, que faz parte da rede de apoio dela, mas é o seu agressor", afirma.

"Os dados confirmam, corroboram e demonstram a realidade estrutural e sistêmica, que se tem no Brasil de violação de direitos humanos das mulheres", diz.

Pela primeira vez, a pesquisa mostra ainda dados relacionados ao consumo de álcool e violência armada, em 2022. Ao todo, 32% das notificações de violência armada não letal indicam suspeita de que o agressor consumiu álcool, taxa que sobe para 38% nos casos ocorridos dentro de casa.

Para Ganzoroli, é preciso melhorar o bem-estar subjetivo da população, como estar empregado, ter uma rede de apoio e acesso ao acolhimento familiar.

"Nossas leis são muito boas, mas falta investimento. Muitas vezes, a própria vítima precisa contratar uma boa advogada para que faça um processo de investigação decente. Não são todos os lugares que têm delegacias especializadas da mulher e, muitas vezes, falta estrutura para isso", afirma.

O relatório mostra um problema estrutural, com estatísticas que se mantêm ao lon-

Tarcísio de Freitas tira dinheiro da Secretaria da Mulher

são Paulo

Promessa de campanha do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), a Secretaria de Políticas para Mulher entra em seu segundo ano sem recursos orçamentários para promover políticas de combate à violência e diluir as desigualdades de gênero.

O valor aprovado na Lei Orçamentária Anual deste ano para os programas de "enfrentamento à violência contra a mulher" e o "emprego e emprego mulher" foi de R\$ 5 milhões cada um. No entanto, a gestão Tarcísio já congelou os dois recursos.

A Folha o governo disse que o contingenciamento ocorre em todas as pastas e leva em conta um cenário de incerteza da economia. "Não se trata de corte, podendo ser revertido ao longo do ano", afirma, em nota.

Ao todo, o orçamento da pasta é de R\$ 14 milhões. Mas, além dos R\$ 12 milhões de corte, outros R\$ 2 milhões deverão ser destinados a cobrir os gastos administrativos da própria secretaria.

Outras políticas públicas previstas no Orçamento, como a mulher saudável e atencioso saúde da mulher, também estão em risco.

Em nota, a pasta disse que "os recursos necessários para a elaboração e execução das políticas públicas voltadas à segurança, à saúde e ao desenvolvimento das mulheres serão assegurados pela gestão".